
*PROCESSOS DE IMAGINAÇÃO E CRIATIVIDADE NA
CONSTRUÇÃO DO DESENHO NA INFÂNCIA À LUZ DA
PERSPECTIVA HISTÓRICO-CULTURAL*

Vivian Andreatta Los

(Universidade Regional de Blumenau - FURB)

Elisiane Souza Saiber Lopes

(Universidade Regional de Blumenau - FURB)

Rita Buzzi Rausch

(Universidade Regional de Blumenau - FURB)

Edson Schroeder

(Universidade Regional de Blumenau - FURB)

Resumo: O artigo aborda os conceitos de Criatividade e Imaginação na Infância, na perspectiva de Vygotski, retratando como esses conceitos se constituem na formação humana, e de que maneira contribuem para a criação dos desenhos na infância. O principal objetivo foi compreender o processo de imaginação e criatividade na construção de desenhos produzidos a partir da leitura de imagens de obras de artes por crianças do quarto ano do ensino fundamental à luz da perspectiva histórico-cultural. Realizamos a prática pedagógica, propondo uma atividade na qual as crianças deveriam criar novos desenhos, utilizando como base fragmentos de três obras analisadas por eles. Para a análise das produções artísticas das crianças, foram lançadas categorias *a priori*. Percebemos, por meio da prática realizada, que a criatividade surge posteriormente à imaginação, e esta é resultante das experiências vivenciadas no meio social. A imitação é caminho para a criatividade, pois a criança parte daquilo que conhece, para então criar algo novo, fantasioso e imaginário. Na educação é importante que se proporcione práticas pedagógicas envolvendo o contexto histórico-cultural e meios para que a criança se reconheça neste processo de aprendizado, partindo de conceitos já internalizados, pois, quanto maior for o número de experiências significativas para criança, maior será o seu desenvolvimento imaginativo e criativo.

Palavras-chave: Perspectiva histórico-cultural. Imaginação na Infância. Criatividade.

*IMAGINATION AND CREATIVITY PROCESSES IN BUILDING THE
CHILDHOOD DRAWINGS IN VIEW OF THE HISTORICAL-CULTURAL
PERSPECTIVE*

Abstract: The article discusses the concepts of Creativity and Imagination during Childhood from the perspective of Vygotsky, portraying how these concepts are constituted in human development and how they contribute to the creation of drawings during childhood. Our main goal was to understand the process of creativity and imagination in the construction of drawings produced from

interpreting works of art by children in the fourth grade of elementary school, in light of the historical-cultural perspective. We conducted the pedagogical practice, proposing an activity in which the children should create new drawings using fragments of three works of art analyzed by them. For the analysis of the works of art by the children, *a priori* categories were established. We noticed, by means of the practice conducted, that creativity emerges after imagination, and the latter is a result of experiences lived within the social environment. Imitation is the path to creativity, for the child starts from what it knows to then create something new, fanciful and imaginative. In education it is important to provide pedagogical practices involving the historical-cultural context and means so that the children can recognize themselves within this learning process, starting with concepts that have already been internalized, for the greater the number of significant experiences for the child, the greater will his/her imaginative and creative development be.

Keywords: Historical and cultural perspective; childhood imagination; creativity

Introdução

O artigo apresenta dados relativos a uma prática pedagógica realizada numa escola municipal na cidade Indaial/SC, com crianças do quarto ano do ensino fundamental, na faixa etária de nove a dez anos que, por meio da leitura de obras de arte e contextualização histórico/social/cultural, criaram produções artísticas, utilizando o sentido e significado que atribuíram às imagens, resultando no processo de imaginação e criatividade. Sob esse aspecto, sentimos necessidade de entender como ocorreu esse processo de imaginação e criatividade na construção de desenhos na infância, a partir da leitura de obras de arte, à luz da perspectiva histórico-cultural de Vygotski, e que resultou em criações significativas para o desenvolvimento cognitivo das crianças. A partir da prática pedagógica que buscou compreender o processo de imaginação e criatividade na construção de desenhos produzidos por crianças do quarto ano do ensino fundamental à luz da perspectiva histórico-cultural, analisamos o processo de imaginação e criatividade na construção dos desenhos resultantes da leitura de imagens de obras de artes, focando na importância do desenho para o desenvolvimento cognitivo da criança.

A imaginação, para Vygotski (2009), é uma característica especificamente humana, que é influenciada pelas experiências sociais vivenciadas pela criança. A

criatividade é posterior à imaginação, entretanto, são funções interdependentes e vão se constituindo desde o nascimento da criança. As primeiras experiências com relação ao tato, visão, audição, gustação e paladar vão se somando a uma combinação de percepções que a mente utilizará, futuramente, como elementos para iniciar um processo imaginativo.

A arte tem grande valor no processo de alfabetização da criança, pois desenvolve a visualidade, o que a auxilia na tomada de consciência que ajuda discriminar as diferenciações visuais entre os códigos da escrita. Para a análise das produções artísticas, bem como de todo o processo de constituição da imaginação e criatividade, utilizamos a teoria histórico-cultural evidenciada por Vygotski (2009).

Neste trabalho, inicialmente, apresentamos a contextualização da investigação e destacamos o problema, o objetivo e a justificativa da pesquisa, tratando dos aspectos teóricos do processo de imaginação e criatividade na infância, sustentada pela perspectiva histórico-cultural. A seguir, apresentamos a metodologia realizada para a atividade pedagógica, abordando a imaginação e a criatividade nas aulas de artes de crianças do ensino fundamental, na qual analisamos o resultado da prática pedagógica realizada, ou seja, as produções artísticas das crianças, à luz da teoria vigotskiana.

Imaginação e Criatividade na Infância

A criatividade e a imaginação fazem parte do desenvolvimento da criança e encontram-se intrinsecamente relacionadas à apropriação da cultura. Essa apropriação implica uma participação ativa da criança na cultura, tornando próprios dela mesma os modos sociais de perceber, sentir, falar, pensar e relacionar-se com os outros (VYGOTSKI, 2009). Tanto a criatividade quanto a imaginação são características tipicamente do ser humano, que se desenvolvem a partir do contato com a cultura, vivenciando experiências, relacionando fatos e novos acontecimentos. Portanto, trata-se de um desenvolvimento que se renova a cada novo conhecimento dotado de sentido para a criança.

A criatividade é algo alimentado pelas experiências de vida. Dela decorrem as lembranças, criações ou até

inovações, sempre baseadas em aspectos da realidade. Para Vygotski (2009), a atividade criadora ocorre quando criamos algo novo, indiferentemente do que foi criado, ou de uma simples construção da mente, conhecida unicamente pela pessoa em que essa construção se manifestou. A imaginação está diretamente articulada à emoção e à constituição de imagens mentais que geram essas emoções. As imagens que aparecem na mente humana no momento da imaginação são comparadas aos signos por Vygotski (2007), ao afirmar que elas constituem uma formação social subjetiva. Sobre este aspecto, Vygotski (2007, p.55) aborda diferenças entre instrumento e signo:

A função do instrumento é servir como um condutor da influencia humana sobre o objeto da atividade; ele é orientado externamente; [...]. O signo, por outro lado, não modifica em nada o objeto da operação psicológica. Constitui um meio da atividade interna dirigido para controle do próprio indivíduo; o signo é orientado internamente.

O signo remete à experiência vivenciada por determinada pessoa, ou seja, trata-se de uma questão subjetiva, que pode mudar de pessoa para pessoa. Por exemplo, a cor preta pode lembrar o luto para determinada pessoa; já para outra, pode lembrar uma festa importante em sua vida. O signo serve de apoio para a imaginação, pois retrata fragmentos da verdade vivenciada, faz relembrar experiências, ajudando a mente a recriar momentos e inventar coisas novas. A imaginação faz parte da vida da criança desde muito cedo, sobretudo quando inicia a fase das atividades de brincadeiras. Aliás, de acordo com o autor, toda brincadeira utiliza a imaginação como suporte, mesmo que a criança ainda não se dê conta disso.

A arte contagia as pessoas através dos sentimentos e, além de criar algo novo, possibilita satisfação ou insatisfação, sentimentos comuns do cotidiano das pessoas. A arte parte da imaginação e do sentimento e representa as ideias que o autor tem a respeito de algo, transmite sentimentos a quem está assimilando a obra. Conforme Vygotski (1999, p. 304,) “a arte pode ser boa ou má se nos contagia com sentimento bom ou ruim, é apenas uma linguagem do sentimento que temos de avaliar em função do que dizemos sobre ela”. As reações afetivas que as artes provocam nos indivíduos suscitam ações diferentes, ora choro de emoção, ora raiva e, em outros momentos, alegria. Todos estes sentimentos são utilizados como impulsionadores da ação criativa. Afinal, “a reação

emocional é o resultado singular de uma estrutura concreta do processo psíquico” (VYGOTSKI, 1998, p. 103)

A reação emocional que toma o indivíduo ao entrar em contato com a obra de arte contagia seu pensamento. Com a criança não é diferente; ela possui pouca bagagem em termos de experiências para poder interpretar uma obra de arte. A imaginação é resultante de experiências sociais, culturais, que geram sentimentos. Quando uma criança nasce, já está participando de atividades culturais, o que possibilita o desenvolvimento da imaginação, pois as experiências de vida remetem a um signo, que pode inspirar sentimentos e a combinação destes fatores impulsiona a criatividade por meio da imaginação. A criança, enquanto muito jovem, não tem consciência disso, mas, à medida que amadurece, vai percebendo como sua imaginação interage em seus pensamentos, e isso se dá inicialmente, por meio das brincadeiras. “Assim, ao estabelecer critérios para distinguir o brincar da criança de outras formas de atividades, concluímos que no brinquedo a criança cria uma situação imaginária” (VYGOTSKI, 2007, p.109). Ao brincar com uma boneca, a menina imagina ser mãe, e age como mãe, com todas as regras e modelos que teve como exemplo em casa. As regras também fazem parte da brincadeira, e a imaginação sempre conta com essas regras. Segundo Vygotski (2007, p.112) “da mesma forma que uma situação imaginária tem de conter regras de comportamento, todo jogo com regras contém uma situação imaginária”. A criatividade é geradora dessas regras, e nelas a imaginação tem lugar, utilizando-se de vivências da criança para criação da brincadeira.

Querendo ou não, a velha psicologia tinha de reduzir a imaginação a outras funções, porque a principal diferença entre imaginação e as demais formas de atividade psíquica humana consiste no seguinte: a imaginação não repete em formas e combinações iguais impressões isoladas, acumuladas anteriormente, mas constrói novas séries, a partir das impressões e as mudanças destas para que resulte uma nova imagem, inexistente anteriormente, constitui, como se sabe, o fundamento básico da atividade que denominamos imaginação. (VYGOTSKI, 1998, p. 107)

A criança vai desenvolvendo a sua atividade imaginativa e criadora conforme suas experiências vão sendo constituídas, na medida em que o seu cérebro vai incorporando e internalizando as experiências. Os desenvolvimentos dessas

funções psicológicas superiores acontecem, sobretudo, por meio da interação social. Conforme Vygotski (1999, p. 315), “a arte é social em nós, e seu efeito se processa em um indivíduo isolado, isto não significa, de maneira nenhuma, que as raízes e essências sejam individuais.” O autor ainda afirma que o social pode ser entendido como o homem e seus sentimentos, ou seja, não é algo que acontece sempre entre duas ou mais pessoas. Então, a partir do contato com uma imagem ou com um livro, a criança já pode vivenciar experiências significativas para seu processo imaginativo. Também é fácil notar que, no comportamento humano, segundo Vygotski (2009), a atividade criadora se dá continuamente, ou seja, o nosso cérebro também combina informações e reelabora-as; essa criação é fruto da imaginação.

Nosso cérebro e nossos nervos, que possuem uma forte plasticidade modificam com facilidade sua estrutura mais tênue sob diferentes influências e, se os estímulos são suficientemente fortes ou repetidos com bastante frequência, conservam a marca dessas modificações. No cérebro, ocorre algo semelhante ao que a uma folha de papel quando a dobramos ao meio. No local da dobra, fica a marca resultante da modificação feita, bem como a predisposição para repetir essa modificação no futuro. (VYGOTSKI, 2009, p.12)

Quando uma criança brinca ou desenha, busca sempre se espelhar em alguém - a imitação faz parte do processo de desenvolvimento criativo do ser humano. Segundo Vygotski, é pela imitação que a criança aprende. Toda experiência dotada de sentido para a criança resultará em uma mudança significativa do seu pensamento relacionado àquele assunto; a partir do que ela vivenciou, irá agir, muito provavelmente e, ao realizar tal atividade novamente, se lembrará da experiência vivida e irá repetir as ações que ela presenciou. Essa imitação não caracteriza algo negativo.

Na velha psicologia e no senso comum, consolidou-se a opinião segundo a qual a imitação é uma atividade puramente mecânica. Desse ponto de vista, costuma-se considerar que, quando a criança resolve o problema ajudada, essa solução não ilustra o desenvolvimento do seu intelecto. Considera-se que se pode imitar qualquer coisa. O que eu posso fazer por imitação ainda não diz nada a respeito da minha própria inteligência e não pode caracterizar de maneira nenhuma o estado do seu

desenvolvimento. Mas está concepção é totalmente falsa. (VYGOTSKI, 2000, p.328).

Muitas vezes a imitação ainda é vista como algo negativo no campo das artes dentro da escola. Mas, para Vygotski, a imaginação faz parte do processo intelectual em que a criança é influenciada pelo que vê e imita, agindo sob a influência do social, obtendo parâmetros ou pontos de partida, que dão início ao seu processo de criação. Segundo as pesquisas de Vygotski, a criança não é capaz de imitar tudo o que vê, ela só imita aquilo que faz parte da sua capacidade intelectual naquele momento. O autor completa o seu pensamento: “Em colaboração, a criança se revela mais forte e mais inteligente que trabalhando sozinha, [...]” (VYGOTSKI, 2000, p. 329). A criança, quando apoiada, tem mais possibilidades de aprender e desenvolver-se. Ao imitar a ação do adulto, consegue recombina suas experiências e ser criativa. Afirma Vygotski (2000, p.331): “[...] aquilo que está situado na zona de desenvolvimento imediato em um estágio de certa idade realiza-se e passa ao nível do desenvolvimento atual em uma segunda fase”. Ou seja, o que a criança só faz com a ajuda de um adulto em uma primeira fase de seu desenvolvimento, ela fará sozinha em etapas mais avançadas deste processo. Então a criança, torna-se mais criativa à medida que adquire mais experiência.

Ao desenhar o que vê, a criança olha, memoriza e, então, recria aquilo que memorizou. Ela nunca faz uma cópia fiel, mas desenha o que para ela é o essencial daquilo que viu. No processo de imitação, ela sempre utiliza a criatividade e imagina algo novo, recria a partir de suas experiências de vida. Conforme Vygotski (2009, p. 107), “um marco essencial dessa idade é que a criança desenha de memória e não de observação. Ela desenha o que sabe sobre a coisa; o que lhe parece mais essencial na coisa, e não aquilo que vê ou o que imagina sobre a coisa. [...] desenha algo que é excessivo.” Em outras palavras, a imitação, ou seja, a interpretação daquilo que é memorizado pela criança, contribui para o seu processo de imaginação. O desenho na infância é uma narrativa sobre aquilo que ela está vendo; não se trata apenas de uma cópia, pois é dotado de fantasia. A criança interpreta aquilo que vê e, baseada em suas experiências, imagina algo, tomando por base a imagem memorizada. A atividade criadora parte do que já existe, e a criança cria fazendo novas conexões, através do uso da fantasia. Vygotski (2009, p.23) afirma que “a fantasia não se opõe à memória, mas apóia-se nela e dispõe de seus dados em combinações cada vez mais novas. [...]”. Ou seja, a

fantasia utiliza as experiências armazenadas na memória e as recombina, formando algo novo. Então, a fantasia não vive separada da realidade, pois dela fazem parte fatos reais, colocados sob a forma de combinações e fatos fantasiosos. Para que a fantasia venha à tona é necessário que haja imaginação criativa, aquela que cria algo novo.

A imaginação é uma importante função psicológica superior, ou seja, somente o homem a desenvolve. É algo que é constituído em situações específicas de desenvolvimento, na vida social, valendo-se de processos de internalização e mediação. Segundo Vygotski (1998, p. 129), “para a imaginação é importante a direção da consciência, que consiste em se afastar da realidade, em uma atividade relativamente autônoma da consciência, [...]” Esse distanciamento facilita o processo de relacionamento entre o que é real e o que é imaginário. A criança internaliza o vivenciado, o conhecimento é adquirido por meio da ajuda de um mediador, que pode ser um professor, um colega mais experiente ou mesmo um livro. A imaginação é uma função existente em todo trabalho criativo do homem. Todo modo de criação exige a fantasia por meio da imaginação, para que surjam ideias novas. Segundo a teoria vigotskiana (2009), a criação pode existir tanto em grandes, quanto em pequenos trabalhos. Quando um homem imagina, combina e recombina, está criando algo novo, e ali existe a criatividade.

O desenvolvimento dos processos criativos acontece na infância, e a linguagem tem influência na evolução desta função. A criança enuncia processos criativos em suas brincadeiras, partindo de atividades do cotidiano adulto, de algo que ela presenciou ou ouviu, propondo atividades inovadoras, fruto de sua atividade imaginativa, pois, para Vygotski (2009), cada etapa da vida possui uma forma característica de criação.

Para ser muito criativa, a pessoa deve ter tido acesso a inúmeras experiências anteriores, com diferentes materiais, processos e atividades, para que a partir dessas experiências brotem atividades criadoras de sua mente. Para Vygotski (2009, p.22) “[...] quanto mais rica a experiência da pessoa, mais material está disponível para a imaginação dela. Eis por que a imaginação da criança é mais pobre do que a do adulto, o que se explica pela maior pobreza de sua experiência.” Aqui fica comprovada a tese de que a criança não é mais criativa do que o adulto, porém os adultos confiam menos em suas criações, ou seja, as crianças ainda conseguem acreditar mais

em seu potencial criador e não desistem com facilidade ao primeiro sinal de problema no percurso criativo. Mesmo inexperiente, ela consegue acreditar que pode criar algo surpreendente, e tenta nos convencer disso por meio da fala. De acordo com Vygotski (1999, p. 327):

A criança ainda desconhece a concepção de uma linha, só com a especificidade da sua estrutura, pode expressar diretamente os estados de ânimo e as inquietações da alma, e a capacidade de transmitirem em poses e gestos os movimentos expressivos dos homens e dos animais nela se desenvolve com extrema lentidão por causas diversas, entre as quais a principal é o fato de que a criança não desenha fenômenos, porém esquemas.

Todo processo criativo, de acordo com o autor mencionado, passa por um período de armazenagem de experiências e internalização, onde ocorrem conexões entre os conhecimentos significativos para a criança. Esse período de armazenamento pode levar anos, para que, então, suscite o ato criativo. Percebemos que a imaginação tem relação direta com a experiência de vida, que se renova gradativamente à medida que a criança se torna adulta. Sabemos, ainda, que os interesses da criança são mais simples, mais elementares, “[...] suas relações com o meio também não possuem complexidade, [...] que são fatores importantíssimos na definição da atividade da imaginação.” (VYGOTSKI, 2000, p.331).

Neste sentido, é necessário que se proporcionem atividades diferenciadas que enriqueçam o repertório imaginativo, para que a atividade criadora da criança seja produtiva, pois, quanto mais elementos da realidade presentes nesse processo de criação, mais significativa será a atividade imaginativa. Essas experiências podem acontecer por meio do ato de ouvir um relato de experiência. Por exemplo, quando a criança ouve uma história, ela consegue vivenciar como se realmente estivesse lá. Mas, para que se consiga interpretar, assimilar algo lido ou falado por alguém, ou seja, experiências vivenciadas por outrem, é necessário fazer uso da fantasia, para que se possa entrar no universo de quem vivenciou tal fato, imaginando-se estar lá. E, para toda atividade humana, a imaginação se faz necessária. “[...] as ideias mais fantásticas reduzem-se a combinações desconhecidas de elementos presentes na experiência precedente do homem [...]” (VYGOTSKI, 1998, p. 110). Ou seja, a fantasia se utiliza da realidade, e aliada à imaginação, cria o novo. Então, segundo

Vygotski (1999), existe uma ligação muito forte entre a imaginação e a experiência, de maneira que ela apoia-se na experiência, e como já foi comentado em outros momentos, a própria experiência se apoia na imaginação, para se colocar no lugar do outro que vivenciou tal fato ou, ainda, a relação entre imaginação e realidade pode ser de caráter emocional, à medida que fazemos escolhas do que pensar, que imagens mentais podem remeter em vista a tal fato, experiência, ou leitura realizada. Afinal, segundo Vygotski (1999), a imaginação é carregada de emoção, onde os sentimentos que se configuram e se transformam em movimentos cheios de criatividade.

A imaginação é diretamente influenciada pelos sentimentos, ou seja, pelas emoções, e são essas emoções que intensificarão a atividade criadora. Quanto mais alegres, ou quanto mais tristes estão os pintores, mais expressivos são os seus quadros pintados naquele momento. Podemos dizer que a emoção é o combustível para a criação da arte. De acordo com Vygotski (2009, p.26), “o sentimento seleciona elementos isolados da realidade, combinando-os numa relação que se determina internamente pelo nosso ânimo, não exatamente, conforme a lógica das imagens.”

Cada impressão ou imagem a que nos remetam fatos e acontecimentos se agrupam pela sua influência emocional atingida em nosso ser. Aquilo que vivenciamos nos remete a imagens e impressões, e essas nos fazem lembrar os momentos vivenciados; com o uso da fantasia, podemos rememorar e imaginar esses fatos, além de reinventá-los por meio da fantasia. E é na infância que se inicia esse processo. A construção da fantasia faz vivenciar algo lido em um livro com tal naturalidade como se fosse verdadeira aquela experiência, como se a criança realmente estivesse naquele local, naquele momento. Um exemplo apontado pelo autor, relacionado ao mundo infantil, é a história de um bandido em uma cidade do velho oeste. O medo que a criança sentirá é real, porém a história é imaginária. Essa experiência que fez real sentido para a criança fará surgir o mesmo sentimento de medo, quando ela presenciar, lembrar ou interpretar uma história semelhante.

O emocional permeia todo pensamento e criação, assim como a dimensão intelectual, ou seja, um não existe sem o outro. A palavra afeta as pessoas, produz um efeito estético, emociona. Segundo Vygotski (2010, p.334) “[...] a emoção estética se baseia em um modelo absolutamente preciso de

reação comum, que pressupõe necessariamente a existência de três momentos: uma estimulação, uma elaboração e uma resposta.” O conteúdo e os sentimentos que relacionamos com a obra de arte visualizada não estão contidos nela; ao contrário, são suscitados em nós pelo processo de percepção, e essa atividade constitui o dinamismo estético. A estética age sob o humano de forma sensível e ou sensorial, de acordo com sua influência. Na perspectiva sensorial está ligada ao sentido que determinada pessoa atribui àquela arte em sua vida, e o sentido sensível é a forma como determinada arte suscita sentimentos neste indivíduo. Para Vygotski (2010, p.333), estética é:

[...] uma atividade construtiva sumamente complexa, que é realizada pelo ouvinte ou espectador e consiste em que viva com as impressões externas apresentadas; o próprio receptor constrói e cria o objeto estético para o qual já se voltam todas as suas posteriores reações.

Na arte, tudo o que foi internalizado vem à tona, tanto ao observar quanto ao fazer uma obra de arte. Quem observa uma obra de arte é tomado por sensações que relembram experiências, fatos, ações e sentimentos. Para um artista, a arte é forma de expressão do que o cerca, daquilo que, para o sujeito, tem maior valor. É resultado de sentimentos contidos que são externados por meio da arte.

A psicologia da arte é diferenciada em relação aos outros tipos de psicologia. Na arte, o pensamento depende de interpretação e do modo como são analisadas e percebidas as imagens, os acontecimentos e quais sentimentos elas proporcionam, cujo resultado da obra é a atividade fantasiosa do pensamento. A arte é fruto de um pensamento emocional inteiramente específico (VYGOTSKI, 1999).

As obras de arte representam o que almejamos, aquilo em que acreditamos; mesmo que estes sentimentos não possam se tornar ações na realidade vivida, são uma forma de colocar para fora sentimentos contidos. Nesse contexto, o autor aborda a criação literária e teatral, mas deixa claro que não existem somente essas formas de representação da arte criadora, e que o processo de imaginação é um sistema muito complexo, que exigiria um estudo específico muito amplo no campo da psicologia. Conforme Vygotski (2009, p. 35), “[...] toda atividade de imaginação tem sempre uma história muito extensa. O que denominamos de criação costuma ser apenas o ato catastrófico de parto que ocorre como resultado de um

longo período de gestação e desenvolvimento do feto.” A maneira como a criança percebe o que acontece ao seu redor, suas dissociações e associações são parte fundamental do seu processo criativo. E esse é um processo muito complexo conforme o autor já citado.

A dissociação, ou a fragmentação das partes desse processo, torna-se essencial para que aconteça a atividade de desenvolvimento da mente humana; nessa etapa algumas partes do processo são esquecidas e outras são destacadas; saber fazer essa seleção das partes torna-se fundamental para a construção da atividade criadora. Essas partes se movem e se reelaboram e esses movimentos garantem a modificação das impressões, contribuindo para a imaginação da criança e também a do adulto. As relações entre imaginação e emoção permeiam os relatos de crianças e de adultos.

Conforme Vygotski (2009, p.37), “[...] a paixão das crianças pelo exagero, do mesmo modo que a dos adultos, tem fundamentos internos muito profundos que, em parte, consiste na influência que o nosso sentimento interno tem sobre impressões externas.” Ou seja, a forma de perceber o que acontece ao seu redor, faz a criança exagerar e seu interesse é, geralmente, centrado naquilo que é extraordinariamente fora do comum. Ela gosta de modificar os fatos, criando proporções de exacerbação. Esse exagero, ao contar um fato ou história, é fruto de sua intensa imaginação, é fruto de processos fantasiosos que, na infância, encontram seu terreno mais fértil, pois não sofrem ridicularizações, já que, para a criança, tudo pode acontecer, não há limites entre o real e o imaginário. O exagero, portanto, é intrínseco na criança, visto que toda criança gosta de exagerar o que vê e percebe, e este processo auxilia na formação da atividade imaginativa e criadora. A psicologia afirma isso segundo Vygotski (2009), e diz também que essa relação entre o real e o imaginário, com pitadas de exagero, são combinações realizadas pela mente do ser humano. A criança exagera nas proporções, inventa coisas que não existem na realidade, ou que existem, porém não na mesma proporção; desenha pessoas maiores do que suas casas, criando um mundo imaginário numa folha de papel. Isso acontece porque ela enfatiza apenas parte do todo e, para enfatizar essas partes, necessita alterar regras comuns de proporção. Isso faz parte de seu desenvolvimento e não deve ser criticado pelos adultos. Vygotski (2010, p. 346) ainda enfatiza que, “quando modificamos e corrigimos as linhas infantis talvez estejamos pondo uma ordem rigorosa na folha de papel à nossa frente,

mas estamos desordenando e turvando o psiquismo infantil.” A criança perde sua linha de raciocínio, e prejudica seu desenvolvimento quando realizamos esse tipo de prática. A falta de consciência, ao desenhar nesta fase da vida, é um processo natural e que deve ser respeitado, pois o conhecimento da criança vai sendo construído ao longo de suas vivências e experiências. Quando uma criança ou adulto não consegue desenhar ou criar, devemos realizar a seguinte pergunta:

Por que algumas pessoas têm menos talento, uma vez que um alto grau de talento original do ser humano é, segundo indica, um fato básico em todos os campos do psiquismo e, conseqüentemente, são passíveis de explicação os casos de diminuição e perda de talento. Por ora pode-se falar disso apenas como hipótese científica, se bem que fortemente apoiada em uma série de fatos. (VYGOTSKI, 2010, p.362).

O professor pode, por meio das atividades educativas, preservar os talentos que a criança já tem, e desenvolver muitos outros novos talentos, incentivando-as a buscar novas habilidades que ampliarão seus conhecimentos a respeito das técnicas de criação, contribuindo em relação ao saber no campo das artes. Para isso, o professor não deve querer manter padrões de comportamento na sala de aula e, sim, proporcionar o maior número de experiências diversificadas para seus estudantes, a fim de criar um terreno fértil para a imaginação vir à tona.

Metodologia: uma proposta para crianças do Ensino Fundamental nas aulas de Artes

Apresentamos resultado de uma pesquisa realizada em uma escola do município de Indaial (SC). A participação da Escola Básica “Prof.^a Úrsula Kroeger” nessa pesquisa ocorreu pelo fato de uma das mestrandas pertencer ao corpo docente da instituição. A turma escolhida para fazer parte dessa pesquisa foi o 4º ano, com crianças na faixa etária de 9 a 10 anos que moram no bairro e pertencem a uma classe médio-baixa da população indaialense. São crianças, filhos de pais trabalhadores na indústria, autônomos, profissionais liberais e donas de casa e que possuem um contato restrito com obras de arte e com o meio artístico que envolve exposições de arte e

contato com os pintores. As crianças ampliam suas vivências e experiências em Artes, por meio das aulas que acontecem desde o 1º do ensino fundamental. Na rede municipal de ensino de Indaial, a disciplina de Artes está inserida na Proposta Curricular dos Anos Iniciais como área específica, sendo lecionada por professores formados em Artes Visuais.

A escolha da turma aconteceu em função do conteúdo programático da disciplina de Artes Visuais, a partir do conteúdo Gênero: Tipos de Paisagens. A Proposta Curricular foi organizada com a coordenação do Projeto Arte na Escola e os professores de Arte da rede municipal durante as Formações Continuadas. No Planejamento das aulas para a realização da atividade, foram necessárias seis semanas, ou seja, doze aulas com duração de quarenta e cinco minutos cada. Em uma das aulas, a professora solicitou às crianças que escolhessem obras de artes para a realização do novo estudo, desafiando-os a criarem uma produção artística a partir dessas obras. Foram escolhidos três pintores: Pablo Picasso, Tarsila do Amaral e Vincent Van Gogh, artistas que já faziam parte da caminhada histórica construída no decorrer das aulas de artes. Desta maneira, as crianças foram instigadas a decidir quais obras de arte, com relação aos artistas selecionados, seriam utilizadas na atividade em sala de aula. Os alunos decidiram pela artista Tarsila do Amaral e sua obra denominada *O Mamoeiro*, pelas cores fortes, pelo contexto familiar e a harmonia, que foi denominada nesta pesquisa como I01ⁱ. O artista Pablo Picasso com a obra *Guernica*, por ser uma obra bem diferente das demais, representando uma guerra, uma cena dramática que foi pintada em preto e branco enfatizando mais ainda o drama vivenciado na época, denominada nesta pesquisa I02. A paisagem rural intitulada *La Crau*, do pintor Vincent Van Gogh, por eles considerada uma obra ‘bonita’, foi denominada por I03.



Imagem 01: Tarsila do Amaral
O mamoeiro (I01)

Imagem 02: Pablo Picasso
Guernica (I02)

Imagem 03: Vincent Van Gogh
La Crau (I03)

Fonte: <http://www.revistabula.com/741-25-mil-imagens-de-obras-de-arte>

Depois de selecionadas as obras de arte, o próximo passo foi o contato visual e tátil com essas obras. Na aula organizada para o encontro com diversas obras de arte, a professora disponibilizou vários livros, contendo imagens de obras que estavam dispostos sobre uma mesa central, onde as crianças ao redor da mesa faziam a leitura das imagens sem interferência da professora; entre eles, comentavam o que observavam. Em seguida, a professora iniciou um diálogo com as crianças referente ao que haviam observado, e quais obras mais lhes chamaram a atenção. Neste momento, as crianças comentaram a respeito dos aspectos visualizados nas obras mais significativas para cada criança, comentando a leitura realizada. A turma entrou num consenso com respeito às obras que seriam utilizadas para a atividade, de acordo com a proposta curricular explicitada pela professora, que se tratava do conteúdo: Gênero: Tipos de paisagens. Após essa conversa, as crianças realizaram uma nova leitura das imagens das obras selecionadas, para então escolher fragmentos que mais lhes chamaram atenção, de acordo com seus conceitos cotidianos. Durante o processo de produção artística, as crianças mantiveram contato com as obras para possível leitura, selecionando fragmentos que serviram de suporte para o processo criativo, de certo modo, memorizaram as partes interessadas e, depois, recriaram no seu desenho. Alguns fragmentos, de certa maneira, parecem imitação das obras, porém não são consideradas cópias, pois foram construídas a partir de suas vivências e modificadas por meio da imaginação e criatividade de cada criança.

Ao todo foram realizadas quinze produções artísticas, sendo selecionadas duas para a análise deste artigo. As escolhas das duas produções artísticas aconteceram por meio das categorias de análises definidas *a priori* de acordo com a teoria de Vygotski, que são: Memorização e Imitação; Imaginação e Criatividade.

Análise das Produções Artísticas

Observamos como ocorrem os processos de imaginação e criatividade das crianças, fazendo ligação com os passos realizados no decorrer da atividade proposta pela professora. Ao analisamos as produções artísticas e o método utilizado pelas crianças para desenvolvê-las, definimos as seguintes categorias:

- 1) Memorização e Imitação: o estudante analisa a obra visualizada, memoriza seus aspectos relevantes e, então, reconstrói novas representações, formando a sua criação. A imitação não é cópia, mas é resultado da criação da criança baseada na sua vivência.
- 2) Imaginação e Criatividade: a imaginação é um processo interno que recombina imagens do que é observado, sensações de lembranças do que o estudante já conhece e já vivenciou. A criatividade é o resultado do sentido atribuído à leitura da imagem, combinando aspectos vivenciados pela criança; o resultado dessa integração faz surgir a criação, que é fruto da criatividade em parceria com a imaginação.

A análise das produções artísticas partiu tanto das obras de arte quanto das categorias pré-estabelecidas. Por meio dessa leitura, realizamos recortes nas produções artísticas, visando enfatizar e analisar detalhes das duas produções escolhidas. Cada produção artística foi denominada da seguinte forma: a imagem 04 que consta a seguir refere-se à primeira produção analisada que a que atribuímos a nomenclatura P01; já a imagem 05 refere-se à produção P02.

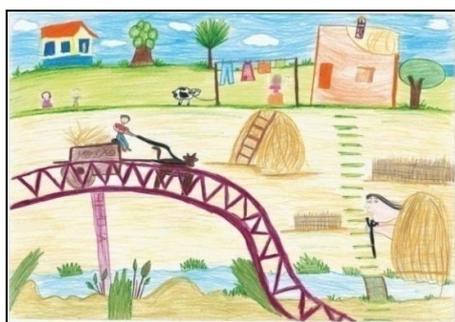


Imagem 04: Produção artística 01 (P01)
Fonte: Arquivo da criança

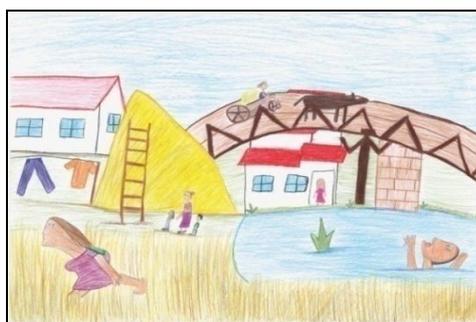


Imagem 05: Produção Artística 02 (P02)
Fonte: Arquivo da criança

A produção artística P01 apresenta alguns elementos da visualidade em destaque, como linhas expressivas, cores fortes e noção de profundidade, e características marcantes referentes às três obras de arte. As duas produções artísticas estão organizadas em quatro planos visuais. Na primeira produção analisada P01, considerando a linha de base da folha, no primeiro plano visual, podemos visualizar a presença

de um chão ondulado e um lago. No segundo plano, um campo vasto, com alguns elementos expressivos; no terceiro plano encontram-se casas, árvores e demais elementos; e, por fim, o quarto plano visual compõe o céu.



Imagem 06: Árvores (P01)

Fonte: Arquivo da criança extraída da P01

Realizamos um recorte da P01, evidenciando características da obra de Tarsila do Amaral, na imagem 06, onde analisamos que a criança memorizou partes da obra e repensou a criação de duas árvores, sendo que uma delas apresenta a copa com várias formas circulares, e o tronco com uma criação própria da criança; percebe-se a presença de luz e sombra na copa, característica presente na obra analisada. Entendemos, então, que a criança utilizou-se da memorização para desenhar partes da obra analisada, apropriou-se do estilo da obra para, então, reinventar, criando algo novo. Conforme afirma Vygotski (2010, p. 14), “o cérebro não é apenas o órgão que conserva e reproduz nossa experiência anterior, mas também o que combina e reelabora, de forma criadora, elementos da experiência anterior, erigindo novas situações e novo comportamento”.

Portanto, a criança observa o que vê, memoriza e reelabora em sua mente, para expor no papel uma criação sua, que é baseada em suas experiências. Entendemos que não se trata de um desenho de observação, e, sim, um desenho de memória, segundo este autor. E a imitação é impulsionadora para a criação, e não cópia, como a antiga psicologia acreditava. Percebemos que, na outra árvore desenhada na imagem 06, a copa com um formato circular apresenta cor uniforme, sem luz e sombra e no tronco há característica de galhos que lembra muito a obra selecionada.

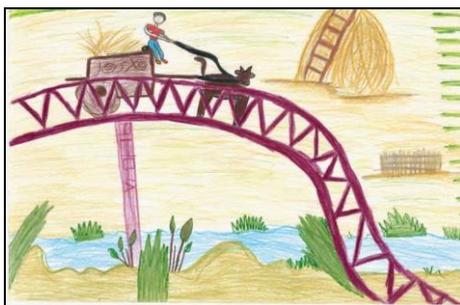


Imagem 07: Ponte (P01)

Fonte: Arquivo da criança extraída da P01

Na recriação da obra da Tarsila do Amaral, é possível perceber, na Imagem 07, que a ponte foi recriada pela criança, ou seja, é fruto de sua fantasia, pois apresenta duas linhas verticais onduladas, possuindo certa simetria nas linhas diagonais em forma de ziguezague, redimensionando a posição da ponte, e dando um novo significado à produção artística. Vygotski (2009, p. 23) esclarece que “a fantasia não se opõe à memória, mas apoia-se nela e dispõe de seus dados em combinações cada vez mais novas.” Ou seja, o que a criança visualizou ou experienciou anteriormente conecta-se com o que foi observado e surge a criação. A criança fantasia, imagina e, então, cria algo.

Percebemos que, ao desenhar a ponte, a criança criou uma estrutura que a sustenta, em um novo formato, muito diferente, se comparado à obra de arte. Observa-se, também, uma carroça com um boi e uma pessoa conduzindo-a, conforme o contexto da obra do Vincent Van Gogh, porém com a proporção e o distanciamento criativamente recriados, reposicionando-os em cima da ponte.



Imagem 08: Casa (P01)

Fonte: Arquivo da criança extraída da P01

Na imagem 08, percebemos que existe a presença de uma casa, e que a criança baseou-se na obra da Tarsila do

Amaral, porém modificou as cores e a estrutura; o que permaneceu foi a presença de uma pessoa à janela. As cores que a criança utilizou em sua produção possuem tonalidades fortes, aspectos evidentes na obra *O mamoeiro*. Percebemos que a criança realizou criações e transformações, pois conforme Vygotski (1999, p. 307), “[...] a verdadeira natureza da arte sempre implica algo que se transforma, que supera o sentimento comum [...]”, que faz surgir algo que surpreenda. Na perspectiva do autor, “[...] a arte recolhe da vida o seu material, mas produz acima desse material algo que ainda não está na propriedade deste material” (VYGOTSKI, 1999, p. 307). Ou seja: a criança, ao criar parte de algo experienciado, imita o estilo, de forma a ter um ponto de partida para se sentir segura e alicerçada, visando dar voos mais altos no campo da imaginação.

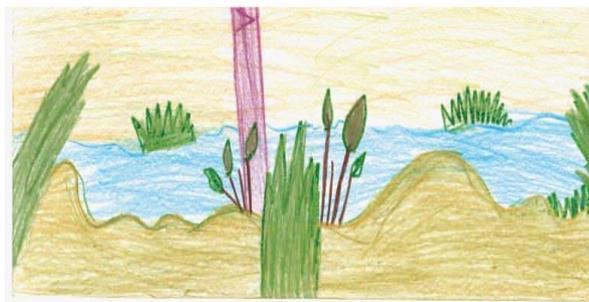


Imagem 09: Rio + Vegetação (P01)
Fonte: Arquivo da criança extraída da P01

Na Imagem 09, a criança utilizou a linha de base da folha, para retratar um solo ondulado e a presença de um rio; no seu entorno, algumas plantas, entre elas, espécies aquáticas, mas recriou a obra, com um novo estilo e disposição destes fragmentos, explicitando aspectos da criatividade. A forma diferenciada de desenhar as espécies aquáticas faz parte da imaginação da criança. Vygotski (2009, p. 25) afirma que a imaginação pode, também, servir como “[...] meio de ampliação da experiência de um indivíduo porque, tendo por base a narração ou a descrição de outrem, ele pode imaginar o que não viu, o que não vivenciou diretamente em sua experiência pessoal.” Deste modo, a criança com mais experiências de vida, pode visualizar em sua mente, por meio da imaginação, algo que ela mesma não presenciou, apenas ouviu falar.

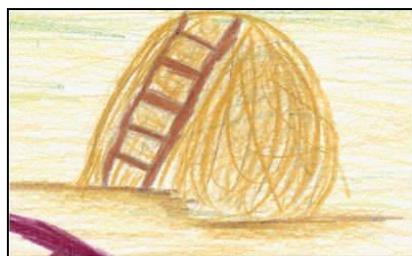


Imagem 10: Feno (P01)
Fonte: Arquivo pessoal extraída da P01



Imagem 11: Feno e pessoa (P01)
Fonte: Arquivo pessoal extraída da P01

Baseado na Imagem 10, com relação à obra de arte de Pablo Picasso, foi recriado um fragmento, sugerido pela presença de uma pessoa, apenas com a cabeça e um braço, contendo características do cubismo, ou seja, o rosto em perfil, sendo possível a visualização frontal dos olhos, a expressão da boca sugerindo um grito de socorro, conforme enfatiza a arte da obra analisada. O braço é representado, segurando uma lança de três pontas, que é um elemento da obra da Tarsila do Amaral. É possível perceber aspectos de criatividade da criança, pois ela reorganizou o seu desenho com dois fragmentos de obras diferentes. Referente à obra de Vincent Van Gogh, na Imagem 10, observamos um monte de feno, e sobre este uma escada na diagonal característica da obra citada, evidenciada também pelo aspecto da pintura em forma de pinceladas. À direita da folha, na Imagem 11, mais um monte de feno, sendo uma criação da criança, já que, na obra original, há a presença somente de um.

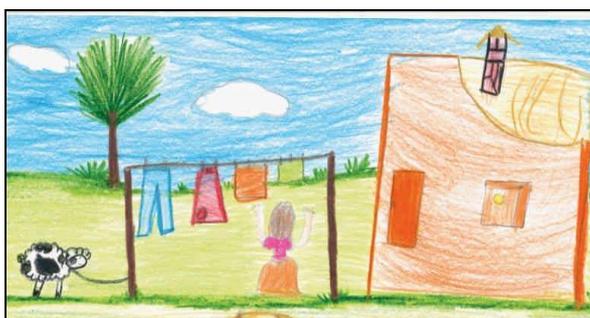


Imagem 12: Casa + Varal (P01)
Fonte: Arquivo da criança extraída da P01

De acordo com Imagem 12, observamos a presença da criatividade expressa pela criança, ao analisar a casa com

estilo que lembra a pintura de Van Gogh, pelos detalhes que apresenta, como: as paredes, o telhado, e no centro uma chaminé. Existe, nesta casa, uma janela, criação da criança, que incorpora fragmentos da obra de Pablo Picasso, formando um novo elemento criativo. A criança pode ter visto essa janela em outro desenho, ou pode ter desenhado a janela de sua casa. Segundo Vygotski (2009, p. 17) “[...] todos conhecem o enorme papel da imitação nas brincadeiras das crianças”, mas, os “[...] elementos da experiência anterior nunca se reproduzem, na brincadeira, exatamente como ocorrem na realidade.” Entendemos que nos desenhos também isso ocorre. Percebemos que as crianças imitam o que veem, porém essa imitação não é cópia e, sim, uma recriação. A intensidade da criatividade tem relação com a experiência de vida acumulada e com a capacidade de realizar conexões entre estas experiências.

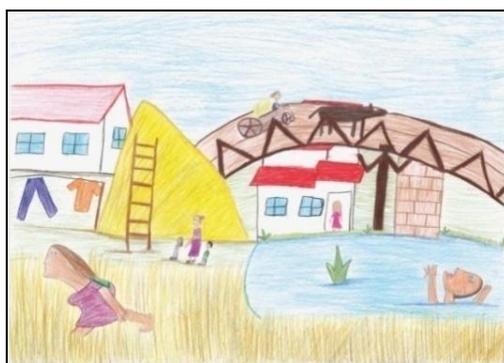


Imagem 13: Produção Artística 02 (P02)
Fonte: Arquivo da criança

Ao analisarmos a segunda produção artística, a P02, percebemos a presença de características inspiradas na obra de Tarsila do Amaral. Na Imagem 13, há a presença de duas casas, contendo traços semelhantes ao que consta na obra, ou seja, paredes brancas, janelas azuis, sendo uma das casas localizada no centro do desenho, com vários telhados e a presença de uma pessoa, na porta. A outra, situada no lado esquerdo da folha, representa uma criação da criança, baseada na obra original, sendo que ela organizou a posição das casas de maneira diferente.



Imagem14: Casa central (P02)

Fonte: Arquivo da criança extraída da P02

Na casa central, que consta na Imagem 14, a criança criou uma ponte que lembra a obra da Tarsila do Amaral, ou seja, a curva da ponte é semelhante à obra, mas não possui corrimão, apenas a armação lateral em forma de ziguezague. As colunas de sustentação da ponte também remetem à criação da criança, pois apesar de terem certas semelhanças, a posição de localização e o estilo são diferentes. Uma das colunas, a mais estreita, não possui a presença de tijolos e ganhou uma nova função no desenho, pois, na obra original, este elemento nos remete a um poste, e na produção artística é usado como um pilar de sustentação da ponte. Percebemos aqui a capacidade da criança de criar, mudar, reinventar, colocando um aspecto presente na obra de Tarsila de uma forma e função totalmente inovadora naquele contexto. Vygotski (2009, p. 44) afirma que “[...] a infância é considerada a época em que a fantasia é mais desenvolvida [...]”. De acordo com o autor, à medida que criança cresce, esse potencial diminui. Portanto, é necessário que exploremos a infância com maior intensidade, a fim de proporcionar experiências mais ricas que impulsionarão o potencial criativo na vida adulta.

Nesta mesma Imagem, outra característica referente à obra de Tarsila é a presença de uma mulher com duas crianças ao centro, sendo expressas na mesma posição que se apresentam na obra original. Com relação ao lago desenhado pela criança, percebemos que houve uma recriação com relação ao tamanho e localização.



Imagem 15: Monte feno+crianças com a mãe (P02)
Fonte: Arquivo da criança extraída da P02

Analisando a produção artística P02, por meio da Imagem 15, percebemos a presença de características referentes à obra de Vincent Van Gogh: no centro da produção, há um monte de feno com uma escada em posição vertical. E segue por toda a linha de base da folha uma plantação com tons ocre, parecidos com a obra original, com traços que se assemelham às pinceladas do artista. Vygotski (1998; 2009) afirma que a criança, por meio da mediação de um adulto, ou alguém mais experiente, apropria-se de modos de fazer, de técnicas e até de pensamentos para, posteriormente, por meio da razão, produzir um ato volitivo, que é resultado de um modo de fazer só seu, criado por meio de sua consciência, razão, pensamento. O que observamos nesta análise é que a criança se apropriou de uma ideia do artista e dos dizeres da professora, para criar o seu estilo próprio.



Imagem 16: Mulher caminhando (P02)
Fonte: Arquivo da criança extraída da P02

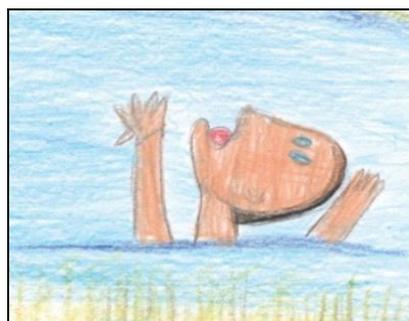


Imagem 17: Pessoa na água (P02)
Fonte: Arquivo da criança extraída da P02

Na Imagem 16, relacionando com a obra de Pablo Picasso, aparece uma figura de uma mulher caminhando, usando um vestido, com a expressão e a posição do corpo referente à obra analisada; ao lado direito, na Imagem 17, a

figura de uma pessoa, contendo apenas a cabeça e os braços, e restante do corpo submerso na água, sendo esta posição do corpo uma criação da criança.

Nas duas produções artísticas analisadas constatamos aspectos referentes às categorias de análise: Imaginação, Criatividade e Imitação, que foram observadas por meio dos elementos da visualidade. Quando nos remetemos à Memorização, percebemos que a criança analisa a obra original e memoriza aspectos que chamaram a sua atenção, e esse processo a auxilia na criação de sua produção. A respeito disso, Vygotski (2010, p. 122) ressalta que “[...] a criação de uma personalidade criadora, projetada para o futuro, é preparada pela imaginação criadora que está encarnada no presente.” Portanto, o professor, assim como os pais, deve proporcionar meio e experiências diversificadas, que estimulem esse potencial criador desde os primeiros anos de vida da criança, para que esta tenha subsídios para a vida criativa no futuro. De acordo com Vygotski (1999, p. 315), “a arte é o social em nós.” Entendemos, a partir dessa teoria, que a arte é fruto do convívio social, das experiências de vida que, internalizadas, refletem sentimentos que impulsionam o ato criativo, sendo que a fase da infância é onde ocorre o ponto de partida para esse potencial criador.

Considerações Finais

Percebemos, por meio da prática pedagógica realizada com as crianças e pela análise realizada por meio da teoria histórico-cultural, que a imaginação é constituída no meio social. Observamos, também, que as crianças atribuíram um sentido à atividade realizada em sala de aula e atingiram um processo criativo. Pudemos perceber que as crianças, por meio da leitura de três imagens de obras de arte, ressignificaram o que mais lhes chamou a atenção, recriando inteligentemente em seu desenho, por meio das orientações da professora. Dessa forma, alcançamos o objetivo proposto para a pesquisa que buscou compreender o processo de imaginação e criatividade na construção de desenhos produzidos a partir da leitura de imagens de obras de artes, por crianças do quarto ano do ensino fundamental, à luz da perspectiva histórico-cultural.

A criatividade é algo que se apresenta posteriormente à imaginação, e caracteriza-se por tornar visível aquilo que a

imaginação produziu na mente. Então, a imaginação parte da imitação para, posteriormente, fazer surgir algo fantasioso e imaginário, algo que é fruto das conexões entre os saberes que a criança já possuía – conceitos cotidianos e os saberes que ela acaba de internalizar, os conceitos científicos, formando a sua compreensão sobre o que vê, ouve e sente. A fantasia é uma maneira utilizada pela criança para relacionar-se com o mundo, pois na brincadeira, no desenho ou em qualquer atividade, a criança, em seu mundo infantil, cria algo a partir de vivências anteriores.

Tendo em vista a problemática levantada que visava compreender como ocorre o processo de imaginação e criatividade na construção de desenhos na infância, a partir da leitura de obras de arte, à luz da perspectiva histórico-cultural de Vygotski, observamos resultados de criações significativas para o desenvolvimento cognitivo da criança. Notamos que, quando cria algo, seja um desenho, pintura ou colagem, a criança se apropria de conhecimentos que a professora instiga-a a ver e perceber, e utiliza-se da imitação como parte do processo imaginário e criativo, que serve de suporte para a criação. Para internalizar o aprendizado, segundo Vygotski (1999; 2007; 2010) as pessoas se baseiam na ação do outro, ou seja, trata-se de uma dialética que faz surgir novas ações. Quando a criança produz um desenho, ou outra atividade artística, ela organiza seu pensamento, imaginação e criatividade inteligentemente para enriquecer o seu ato criador, e esse processo ocorre pela mediação de um adulto, ou pessoa mais experiente, que a auxilie nesta atividade.

Concluimos que, proporcionar à criança apenas um fazer artístico, é subestimar o seu potencial criativo. Pode tornar-se muito mais enriquecedor, para a atividade artística da criança, o ato de contextualizar fatos históricos, sociais, culturais envolvendo a obra, e também o artista e o seu contexto histórico-cultural, e é aí que o papel do professor torna-se fundamental, na medida em que proporciona mais conhecimento e experiências, além de saberes referentes às obras de arte visualizadas e estudadas pelas crianças. Assim, sua produção artística será e terá muito mais significado para a criança; ela entenderá aspectos importantes, que influenciam no modo de interpretar a obra de arte visualizada.

Referências

VYGOTSKI, L. S. *Imaginação e criação na infância: ensaio psicológico: livro para professores. Apresentação e comentários Ana Luiza Smolka; tradução Zóia Prestes.* São Paulo SP: Ática, 2009.

VYGOTSKI, L. S. *A construção do pensamento e da linguagem.* Tradução Paulo Bezerra. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2000.

VYGOTSKI, L. S. *O desenvolvimento psicológico na Infância.* Tradução Claudia Berliner. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1998.

VYGOTSKI, L. S. *A Psicologia da Arte.* Tradução Paulo Bezerra. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1999.

VYGOTSKI, L. S. *A Formação Social da Mente.* 3 ed. (Tradução Grupo de Desenvolvimento e Ritmos Biológicos. Departamento de Ciências Biomédicas – USP). São Paulo, SP: Martins Fontes, 2007.

VYGOTSKI, L. S. *Psicologia Pedagógica.* Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2010.

¹ Nomeamos as obras de arte da seguinte forma: I01= Tarsila do Amaral; I02 = Pablo Picasso e I03= Vincent Van Gogh. Utilizamos essas nomenclaturas para designar cada obra de arte utilizada na atividade com as crianças.

Sobre os autores

Vivian Andreatta Los é Acadêmica do Mestrado em Educação da Fundação Universidade Regional de Blumenau - FURB. Professora no Instituto Federal de Santa Catarina - IFSC, curso Técnico em Produção e Design de Moda.

Elisiane Souza Saiber Lopes é Mestranda em Educação pela FURB - Universidade Regional de Blumenau (2014). Possui Especialização em Gestão e Tutoria pela UNIASSELVI (2011), Especialização em O Ensino da Arte: Fundamentos Estético e Metodológicos pela FURB- Universidade Regional de Blumenau.

Rita Buzzi Rausch é Doutora em Educação pela UNICAMP, docente e pesquisadora no PPGE-FURB, Blumenau/SC. FURB - Fundação Universidade Regional de Blumenau.

Edson Schroeder é Doutor em Educação Científica e Tecnológica pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). É professor pesquisador no Programa de Pós-Graduação em Educação na FURB, Blumenau - SC.

Recebido em: 08/09/2014

Aceito para publicação em: 05/01/2015